



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

TECNOLOGIA, MÍDIA E SAÚDE MENTAL NA VELHICE: Uma Análise Conceitual¹

Elisangela Silva Souza Ribeiro - Universidade Federal do Tocantins²

Eder Ahmad Charaf Eddine - Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender a relação entre mídia e velhice, principalmente nas discussões sobre os impactos da cultura digital na saúde mental e na inclusão dos idosos. Foram revisados três trabalhos: Pierre Lévy compreende o ciberespaço como lugar de inteligência coletiva, Marília Duque denuncia o “erro de presença” nas redes sociais, onde idosos são cancelados ao não performarem o idealizado envelhecimento saudável e Lobato e Lobato, apontam a chamada “velhice ideal”, invisibilizando diversidades. Conclui-se, com a revisão da matéria do Profissão Repórter, que a mídia molda identidades e pode aprofundar exclusões, sendo soluções representações mais amplas da velhice na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Velhice; Cultura Digital; Representações Sociais; Saúde Mental; Exclusão Simbólica..

1 INTRODUÇÃO

O estudo busca discutir como a mídia, tecnologia e saúde mental se articulam nas representações sociais da velhice, considerando a crescente influência da cultura digital na vida cotidiana. Objetiva-se compreender como os idosos são retratados nos ambientes digitais e canais tradicionais, problematizando os efeitos simbólicos dessas representações sobre inclusão social, subjetividade e saúde mental. Com base nas contribuições teóricas de Lévy, Duque e Lobato e Lobato, analisa-se uma matéria do Globo Repórter, investigando tensionamentos entre visibilidade e exclusão midiáticas da velhice na contemporaneidade.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, a fim de analisar as representações midiáticas sobre a velhice e como elas auxiliam processos de inclusão, exclusão simbólica e saúde mental dos idosos no contexto contemporâneo. A pesquisa bibliográfica foi realizada nos Livros de Lobato e Lobato e Lévy, artigo

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

² Aluna bolsista CNPQ no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade – Mestrado.

de Duque e matéria do Profissão Repórter, buscando compreender fenômenos sociais por meio do levantamento e discussão de materiais consolidados.

A análise dos dados conduziu-se por leitura crítica e interpretativa dos textos, identificando ideias recorrentes nas discussões bibliográficas, como “erro de presença”, “cultura do cancelamento”, “representações midiáticas da velhice” e “exclusão simbólica”.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Lévy apresenta o ciberespaço como extensão cultural da cognição humana, capaz de abrigar uma inteligência coletiva baseada na interatividade, hipertextualidade e democratização do saber. Para ele, a tecnologia digital é instrumental, mas simbólica: um novo regime de produção de significados que amplia as formas de subjetivação e participação. Idosos, nesse contexto, tornaram-se agentes ativos na tessitura da cultura digital.

Outra via, Duque conceitua o "erro de presença", destacando a invisibilização simbólica dos idosos nas redes, mesmo quando estão tecnicamente conectados. Essa presença negada intensifica-se na cultura da participação e cancelamento, aonde o idoso que não performa o envelhecimento ideal, é excluído, julgado ou silenciado.

A reportagem “A vida dos idosos”, exibida pelo Profissão Repórter, mostra como a mídia desempenha um papel importante na construção de representações mais plurais da velhice, ao retratar idosos ativos, autônomos e socialmente engajados. O programa apresenta sujeitos que continuam trabalhando, frequentando espaços de lazer, como bailes da terceira idade, ocupando espaços urbanos com protagonismo, especialmente no bairro de Copacabana.

A mídia tradicional, como na matéria supracitada, colabora para a construção da imagem hegemônica da “velhice bem-sucedida e ativa”, representação esta seletiva, que reforça padrões inalcançáveis, além de ignorar a pluralidade de vivências, excluindo-se experiências marcadas por fragilidade, resistência tecnológica ou declínio cognitivo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ideias de Lévy sobre a inteligência coletiva oferecem um horizonte utópico. Contudo, ao observarmos a prática social descrita por Duque, evidencia-se que essa inclusão é seletiva e regulada por critérios estéticos, funcionais e performativos. A cultura digital reproduz lógicas normativas que naturalizam a exclusão de sujeitos que não se alinham ao ideal hegemônico de presença digital eficiente.

A mídia comunica, mas também estrutura imaginários e reforça desigualdades simbólicas, ao reduzir a velhice a um ideal de produtividade e vigor, afasta seu papel social de pluralizar vozes. A representação da velhice como “problema” ou “exceção bem-sucedida” impacta diretamente a

autoestima, a saúde mental e a adesão dos idosos à cultura digital. Duque aponta um deslocamento simbólico da Terceira Idade, idealizada, para a Quarta, marginalizada por uma transição relacionada à desconformidade aos padrões desejados.

A cultura digital é marcada por dinâmicas ambivalentes: ao passo que amplia possibilidades de acesso à informação, criação de redes e democratização do saber, também impõe novas normatizações, exclusões e visibilidade seletiva. Essa tensão é evidente quando observamos como os sujeitos idosos são simbolizados nos meios digitais e tradicionais. O ideal de envelhecimento saudável e produtivo é constantemente reforçado por discursos midiáticos que mascaram as desigualdades sociais, cognitivas e materiais desse grupo etário, criando uma velhice modelo, muitas vezes inatingível.

Lévy compreende o ciberespaço como um estágio na evolução comunicacional, aonde a inteligência coletiva se constitui pela interação horizontal, colaborativa e hipertextual dos sujeitos. Para ele, a Web 2.0 e as tecnologias cognitivas são extensões da mente humana, capazes de ampliar nossa capacidade de pensar, criar e lembrar. No entanto, essa utopia se choca com o cenário empírico apontado por Marília Duque, demonstrando que, mesmo quando idosos estão tecnicamente presentes no espaço digital, são excluídos simbolicamente por não se adequarem às exigências visuais, performativas e produtivas da cultura da participação.

A autora cunha o conceito de “erro de presença” para se referir ao fenômeno em que o idoso conectado é tratado como uma incongruência, sendo visto como uma presença desautorizada. O envelhecimento, nesse contexto, é submetido a uma lógica de produtividade e juventude. Quem não a possui, é “cancelado”, “arquivado” ou silenciado, passando da valorização simbólica para o exílio social no âmbito digital contemporâneo.

A midiaticização da velhice envolve como o discurso molda práticas sociais e políticas de reconhecimento. Para ela, “a mídia não é apenas veículo da cultura, mas constitutiva da própria cultura contemporânea”. Assim, entende-se que os discursos sobre o envelhecimento nas mídias produzem significados, afetando diretamente a saúde mental e o pertencimento dos idosos.

Contudo, a ênfase em idosos que se mantenham produtivos ou inseridos socialmente invisibiliza outras realidades igualmente legítimas, como os idosos que vivem em situações de isolamento, fragilidade física, dependência ou exclusão. Dessa forma, a mídia acaba por reforçar uma noção idealizada de envelhecimento, pautada pela atividade e autonomia, negligenciando os desafios enfrentados por uma parcela significativa da população idosa que não está na ativa.

Importa refletir sobre o que fica fora do enquadramento: embora positiva, essa representação pode não contemplar as desigualdades, os desafios estruturais ou as vivências de idosos em situação de vulnerabilidade. Assim, a mídia, ao escolher determinadas histórias e silenciar outras, atua como mediadora na produção simbólica do que é ser velho na sociedade contemporânea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura digital pode operar como ferramenta de emancipação ou como dispositivo de exclusão simbólica. As reflexões de Lévy e Duque revelam as ambivalências da tecnologia enquanto espaço de disputa simbólica, onde se constroem identidades, pertencimentos e também cancelamentos. É necessário, portanto, tensionar as narrativas midiáticas sobre a velhice, promovendo uma cultura comunicacional que reconheça a diversidade da experiência do envelhecer e assegure espaços de pertencimento real aos sujeitos idosos na cultura digital contemporânea.

Conclui-se fundamental observar os modos como sujeitos idosos negociam suas identidades nos espaços online, muitas vezes usando recursos estéticos e discursivos para resistir à invisibilidade. A etnografia virtual, assim, pode revelar estratégias de reconfiguração simbólica e afirmação subjetiva diante de um ambiente cultural hostil.

Referências

DUQUE, M. **Cancelaram a velhice: a Terceira Idade enquadrada na lógica da Cultura do Cancelamento**. E-Compós, [S. l.], v. 25, 2022. DOI: 10.30962/ec.2605. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2605>. Acesso em: 15 abril 2025.

LÉVY, P. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 37–49, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.1998.9.3009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3009>. Acesso em: 16 abril 2025.

LOBATO, J. A. M. LOBATO, M. L. A. C. M. (2017). **Telejornalismo, consumo e as representações do envelhecimento**: um estudo sobre os discursos da terceira idade em Globo Repórter. Leituras do Jornalismo.

GLOBO. **A vida dos idosos – Parte 1**. Profissão Repórter, Rio de Janeiro, 22 jul. 2025. Vídeo (19 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2045041/>. Acesso em: 26 jul. 2025.